

A *selfie* como paradigma da contemporaneidade: a inter-relação entre o indivíduo e a satisfação musical no contexto educacional regular de música

Comunicação

*Máximo José da Costa*¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
maximo_jose7@hotmail.com

*Carlos Antonio Santos Ribeiro*²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
ribeirocarlos17@gmail.com

Resumo: Frente as inúmeras demandas vigentes atuais, problematizar questões que envolvam o homem, educação, música e tecnologia se faz emergente para as discussões dos pesquisadores musicais. Atentar para a relação social do individualismo ante a escolha dos repertórios musicais regido pelos meios midiáticos e tecnológicos, podemos perceber como o homem frui, significa e consome música. Partindo desse pressuposto, como o educador musical pode inter-relacionar esses múltiplos fenômenos nas suas práticas docentes? Buscando refletir sobre essa questão sob o viés da literatura da área de Educação Musical e afins é possível fomentar diretrizes que problematizam sobre a diversidade. Diversidade essa que se atenua desde a escolha do repertório ao convívio em sala de aula, sobretudo na formação humana articulada numa perspectiva epistemológica.

Palavras chave: Educação Musical, Individualidade; Mídias e Tecnologias.

Introdução

Pensar o hoje nas mudanças que mais demarcaram as relações sociais vigentes, sem dúvida, é nos reportar como o homem tem se relacionado com os meios tecnológicos e as indústrias, em uma demanda gerida pela globalização e informações ligeiras. Dessa maneira, se faz emergente correlacionar a música com essas novas dinâmicas e demandas sociais, problematizando questões que permeie o “valor” da arte frente a indústria cultural, a satisfação musical e as novas demandas à educação musical. Por assim considerar, é pertinente a seguinte reflexão: pensar a música hoje é submetê-la apenas aos apelos tecnológicos vigentes para se

¹ Mestrando em Educação Musical pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFRN.

² Mestrando em Educação Musical e Bolsista CAPES/CNPq do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRN.

atender às expectativas econômicas e individuais? Ou o caráter musical atual é limitante em suas abrangências socioculturais? Observamos que,

Retrospectivamente, porém, podemos situar o nascimento da sociedade e da mentalidade de consumo aproximadamente no último quartel do século XIX, quando a teoria do valor trabalho de Smith/Ricardo/Marx/Mill foi confrontada pela teoria da utilidade marginal de Menger/Jevons/Walras: quando se disse, em alto e bom som, que o que dá valor às coisas não é o suor necessário à sua produção (como diria Marx), ou a renúncia necessária para obtê-las (como sugeriu Georg Simmel), mas um *desejo em busca de satisfação*; quando a antiga disputa sobre quem seria o melhor juiz do valor das coisas, se o produtor ou o usuário, foi resolvida em termos não ambíguos em favor do usuário, e o problema do direito de emitir um juízo competente se misturou com a questão dos direitos da autoria do valor (BAUMAN, 2003, p.117).

O objetivo deste trabalho é levantar uma reflexão teórico/crítico e uma revisão bibliográfica a respeito da satisfação pessoal simbolizada pelos novos ditames das redes sociais – como a “*selfie*” – inter-relacionando este paradigma às preferências musicais dos indivíduos que neste trabalho categorizamos-los aos discentes da educação musical. Sob a perspectiva do campo epistemológico da sociologia, filosofia e da educação musical, trabalhamos com estes fenômenos de forma sucinta para compreender a satisfação pessoal que os indivíduos buscam e exprimem constantemente na atual conjuntura social individualista.

A contemporaneidade também trouxe novas reflexões sobre a ontologia social. Os indivíduos estão imersos às inúmeras demandas que os estatizam e os tornam senhores de si mesmos. A busca narcisista pelo famoso: “lugar ao sol” é ideologia pragmática que caracterizam os indivíduos na sociedade competitiva. A busca do “eu” se tornou uma luta operante contra o “nós”, onde, o interesse individual sobrepuja o bem coletivo; concomitante a isso, atentemos este paradoxo para a ditadura do *selfie* erradicada em massa pelas redes sociais e a mídia, pessoas que constantemente estereotipam suas satisfações pessoais através de autoimagem e vídeos sobre si; esperando o reflexo positivo dos círculos de pessoas que os cercam através dos “likes”.

Não obstante a isto, toda esta interação do eu está amalgamada com a identidade do “ter”. O homem no mundo atual não é, ele tem. O valor do ser se tornou material em uma busca constante do consumo e da ostentação pessoal, simbolizando felicidade com a usufruição dos bens de consumo. “O princípio liberal da competência individualista se mostra também eficiente

na indústria cultural: tudo pode ser vendido e comprado” (COSTA, 2012, p.54). Frente à estas complexidades, como podemos inter-relacionar o indivíduo com suas preferências musicais em seus espaços múltiplos socioculturais?

Há inúmeras funções que a escola exerce - se não exerce, deveria exercer – uma das tais é a problematização da relação dos indivíduos consigo, com o outro e o meio em que tudo isso se interage e modifica. Então, compreender a inter-relação entre a competitividade entre os indivíduos e o bem coletivo é imprescindível para analisar o homem de hoje, suas formas de consumo e o capital que rege tudo isso. O educador musical ante a todas estas demandas pode fazer uma hermenêutica alegórica com a diversidade que impera na sala de aula por algumas estratégias. Um bom exemplo desta dinâmica está na escolha dos repertórios musicais. Quem deve escolher? O “eu” do professor ou “nós” dos alunos? “Esta é a função da escola: estabelecer pontes, preencher lacunas, construir significados entre os objetos culturais midiáticos e o saber elaborado (SUBTIL, 2007, p.81). E ao falarmos sobre gostos musical dos indivíduos precisamos situar os conceitos.

Tratando-se de música, as preferências podem ser construídas tanto de maneira autônoma – a partir da eleição consciente do indivíduo do que quer escutar em seu cotidiano – como de modo induzido – a partir da escuta involuntária por imposição do meio ou por influência de outros. Quando a preferência por algo se torna frequente, ela transpassa ao nível de gosto, ou seja, uma preferência estável e de longo prazo (DE QUADROS JUNIOR; QUILES, 2010, p.111).

A partir dessa compreensão há uma confrontação natural do que seja a busca das estéticas individuais. A busca do “*selfie* musical” se atenua em uma simples relação do repertório musical escolhido na sala de aula com a satisfação musical de cada indivíduo. Onde cada ser busca na música que ouve e frui a relação do bem-estar e do gosto; definindo assim, o que seja a “boa” música e a que não é boa. Como o docente e os discentes podem fazer paralelos de suas significações ante a busca da satisfação pessoal com o bem coletivo? E há formas de se falar de gosto musical determinando o que seja música “boa” ou ruim”? Pensar nessa perspectiva é problematizar questões que versam sobre a diversidade da sociedade e a encontrada na sala de aula. Um fator que deve ser levado em consideração nesta busca da satisfação do gosto musical está pautado no ambiente em que estes indivíduos vivem e os meios comunicacionais que os

influenciam (CREMADES 2008, NORTH, 2000, RUSSELL, 2000). Da mesma maneira devemos observar nossos alunos em relação às suas significações valorativas. Por isso que,

O terceiro posicionamento valorativo considera que as atividades escolares, para serem efetivamente educativas, devem estar sempre em consonância com os interesses dos alunos. Essa questão deve ser cuidadosamente analisada, pois parece conter, em si mesma, aspectos contraditórios [...]. Portanto, ainda que a bagagem de conhecimento cotidiano integre a dimensão inicial do processo de ensino aprendizagem escolar, o trabalho educativo deverá transcender essa bagagem para introduzir o novo e, por isso, a prática educativa não poderá estar, em todos os seus momentos e fases, atrelada aos interesses dos alunos. Crescimento intelectual demanda esforço e dedicação (BENEDETTI; KERR, 2010, p.83).

Acreditamos que o diálogo é a premissa básica para se manter relações saudáveis entre os múltiplos indivíduos. Compreender, respeitar e conviver com as diversas manifestações musicais produzidas pelo mundo já é uma grande estratégia para minimizar os conflitos entre o “eu” e o “nós”. A busca de uma simples escolha de repertório da sala de aula já é uma estratégia de humanização onde docentes e discentes constroem-se e modificam-se mutuamente.

Afinal, a arte só tem sentido porque tem o poder de levar o homem particular a comungar com seus iguais. Por mais individuais/subjetivos que sejam os conteúdos da arte, eles só têm razão de ser ou de existir porque transcendem a dimensão individual/particular em direção à dimensão humana coletiva. A arte não tem sentido no isolamento porque seus conteúdos só podem se manifestar por meio da técnica e da forma, social e historicamente constituídas (BENEDETTI, 2009, p.194)

Há inúmeros desafios a serem tratados pela área da Educação Musical. Um desses grandes desafios que permeará os meandros da nossa humanidade sempre irá se pautar na diversidade, no estranhamento, na aceitação. Compreender o outro é analisar a nós mesmos. Está munido de certezas absolutas sobre si e o mundo que nos rodeia é uma linha tênue para a vida coletiva. O corpo é um exemplo profícuo sobre a comunidade da diversidade, membros interdependentes que se unem para manutenção volátil da vida.

Mídias e tecnologias da contemporaneidade

A cultura digital contemporânea também conhecida por cibercultura alavancada pela acessibilidade das mídias e tecnologias emergentes em diversas esferas do cotidiano das pessoas

tem possibilitado muitas mudanças. Tais transformações socioculturais dizem respeito a forma como os indivíduos já lidam com os aspectos tecnológicos. Na contemporaneidade, a rede do “nós” é estabelecida facilmente através da interconexão dos indivíduos, graças aos mecanismos e funcionalidades das redes sociais, sites de entretenimento, fóruns etc. Não se pode negar o fato de que a sociedade mudou e nele a cibercultura se instaurou como um forte paradigma vigente.

As mudanças que se consolidaram, sobretudo, nos últimos 60 anos, no cenário da mídia, da tecnologia e, conseqüentemente, da música, são resultados de um processo que vêm se estabelecendo na sociedade moderna desde o século XIX. Esse processo se configurou a partir do surgimento dos meios de circulação em massa em ampla escala, das descobertas tecnológicas e da consolidação de novas formas de produção e veiculação do fenômeno musical. (QUEIROZ, 2011, p.138).

Nesta perspectiva, o indivíduo em meio a cultura digital (con)vive uma ubiquidade generalizada, onde se tem tudo na rede online e vice-versa (LEMOS, 2015). A partir disso, o indivíduo pode construir seu conhecimento em um simples clique na Internet, no smartphone tudo através da interação online com os outros indivíduos na rede. A interconexão que se dá por meio do ciberespaço já falado por diversos autores da contemporaneidade propicia o que Monteiro (2017) faz menção hoje a ecossistemas comunicacionais, ou seja, os indivíduos estão interconectados através de sistemas e subsistemas da cultura digital, o que, por sua vez, gera subjetividades e individualidades.

Pensando nessa perspectiva para a educação musical, será que os meios midiáticos e tecnológicos contribuem para as escolhas dos indivíduos? Qual a relação da cultura digital para o gosto musical? Para que possamos entender qual a relação da cibercultura nas preferências musicais é importante compreendermos um pouco da terminologia cultura.

A cultura e construção da identidade musical e subjetividades

A cultura se refere a uma dimensão complexa que engloba costumes, crenças, valores, hábitos, moral etc., aspectos relacionados aos indivíduos numa sociedade. Compreender a cultura é o mesmo que entender sobre o homem e suas relações. A base da etnomusicologia, assim por estudar a música na cultura é fundamental para entender os comportamentos e

valores das práticas musicais dos indivíduos. Dentro de uma teia de significados, onde o próprio homem teceu, a cultura vai se construindo e moldando através das interações sociais (QUEIROZ, 2013).

A busca da identidade musical só é possível a partir da pluralidade de manifestações musicais que o indivíduo está imerso. Então, para construir o “eu” – a identidade – é preciso compreender o “nós” – a pluralidade. Diante disso em que a sociedade contemporânea cada vez mais multifacetada e plural em meio a cultura digital emergente, como o indivíduo pode construir sua identidade musical pensando em um contexto educacional regular de música? Observamos que o próprio sistema sócio organizacional da sociedade impõe condições para manipular as preferências musicais dos indivíduos e isso é reflexo da cibercultura.

Diante dessa realidade entra em cena a importância de tratar a educação musical no contexto escolar como um meio para possibilitar discussões sobre a construção das subjetividades do indivíduo bem como contribuir para ampliar o conhecimento sobre a diversidade musical na escola básica.

Não se trata, portanto, de tecer comentários vagos sobre a as diferentes manifestações musicais, mas, sobretudo compreender e analisar como as diversas formas de se fazerem músicas estão presentes fortemente nos cotidianos dos alunos não somente os estilos musicais, mas também das pessoas que fazem parte e da organização social. Inclusive a própria área de Educação Musical enfrenta esse desafio na atualidade em fortalecer epistemologicamente a sua identidade musical. A partir do momento que a educação musical passa a entender a pluralidade da música na cultura, necessita criar novas possibilidades para abarcar este conhecimento mais amplo.

Pensando nesse formato amplo em que a música é a cultura e mais ainda é a cibercultura, os indivíduos tendem a estarem subordinados ao paradigma emergente da cultura digital contemporânea, estando sujeito a tudo aquilo que as mídias e tecnologias os impõe. Podemos afirmar também - sendo um pouco ousada a nossa reflexão – é o fato de que se o indivíduo muda a sociedade se modifica também. Nesse sentido, mesmo que indivíduo esteja sujeito as influências da cultura digital contemporânea ele (próprio) ajuda e continua a construir a própria cultura digital fortalecendo, assim, a formular as suas preferências musicais a partir dos meios midiáticos e tecnológicos vigentes.

Perspectivas para se pensar a inter-relação do indivíduo com a satisfação musical na escola regular

Das discussões levantadas podemos pensar nas possibilidades que a educação musical pode lidar na contemporaneidade. E o principal ponto que desejamos destacar é a formação humana numa corrente epistemológica. Este é uma temática já discutida, contudo nunca esteve tão presente na atualidade como está sendo agora. Isto, porque sabemos que a educação se preocupou em escolarizar as concepções e habilidades de forma técnica, metodológica e, sobretudo tradicional no contexto educacional regular subordinado as diferentes esferas do poder da sociedade. No entanto, os indivíduos tendem ainda a possuírem dificuldades para discernirem a real função da educação e da escola. Hoje, muitas escolas públicas e/ou privadas continuam regadas em ideias de formação técnica e, isso é uma realidade inquietante.

A educação vai muito além do que a visão pragmática e utilitária que vivenciamos na contemporaneidade, pois a educação se constitui de aspectos e condições epistemológicas complexas de formação humana articuladas na autonomia, liberdade e responsabilidade social. Dessa forma, o educador musical precisa ouvir e refletir sobre o fenômeno musical que está acontecendo na sala de aula atentando para as questões não somente de conteúdos musicais, mas, sobretudo de outras dimensões que podem emergir na sala de aula como o meio social, estéticos, psicológicos e pedagógicos. Sabemos que isso é complexo e delicado já que estamos lidando, especificamente com alguém que além de ensinar é também músico e pesquisador.

Possibilitar articulações das preferências musicais dos indivíduos frente a satisfação musical que a cultura digital contemporânea nos é imposta, pode ser um desafio para o educador musical. No entanto, é possível refletir e construir ações inovadoras de forma coletiva pensando nessa perspectiva, como é o caso de três escolas de educação básica brasileiras em três espaços geográficos distintos. O primeiro exemplo é a Escola Municipal Nossa Senhora do Carmo, localizada na cidade de Bananeiras no interior da Paraíba, João Pessoa. Nessa escola, os alunos constroem colaborativamente o currículo escolar através de uma metodologia ativa que envolve interesses, curiosidades e motivações. A ideia da proposta é realizada por projetos educativos baseada nas competências e autonomia dos alunos sem distinção de séries/anos.

Outro caso semelhante é o da Escola Municipal Amorim Lima, na Zona Oeste de São Paulo, onde não existem provas, turmas, disciplinas e o mais importante os professores-tutores auxiliam

aos alunos. Um dos pontos fundamentais nesta escola é a liberdade e a interdisciplinaridade de conteúdos abordados que funcionam através de um roteiro de aulas.

E o caso do Projeto “A Arte à vista”³ promovido pelo Instituto de Cegos Padre Chico e do FIAM-FAAM. O objetivo do projeto foi formar cidadãos, profissionais autônomos e participativos nos processos de práticas pedagógicas experimentais em locais sociais diversos, entre eles: hospitais e ONGs especializadas no atendimento de pessoas com necessidades especiais. Para isso, foi possível a articulação de multiprofissionais que consistiam dos professores da escola, técnicos dos espaços sociais e a comunidade em geral.

Destes exemplos citados, não foram encontrados dados mais concretos específicos sobre a área de música, pois os três casos apresentam uma perspectiva da interdisciplinaridade, cuja as ações são inovadoras. Tais exemplos podem servir de referência para se pensar e discutir a diversidade da música mediada pelas mídias e tecnologias digitais sob o viés da satisfação musical dos alunos nos contextos escolares por meio da reflexão e construção de propostas curriculares que estejam conectados com a realidade dos mesmos.

Há muito o que se mudar ainda, pois estamos em um paradigma emergente da contemporaneidade. Pensamos que as ações mencionadas poderão se fortalecer quando houver incentivo de esferas da sociedade, bem como resultados mais concretos de realidades já existentes sem deixar de desvincular a música, o indivíduo, a educação e a cibercultura no contexto educacional regular.

(In)conclusões

Vivemos em uma “sociedade líquida” (BAUMAN, 2003) que continuamente busca uma satisfação de nível individual sólido. Cada ser em si busca seu lugar no espaço de forma que só ele vivesse ali. Olhar atento para o individualismo que impera abruptamente hoje em nossa sociedade competitiva é fundamental para se pensar como a música tem se inter-relacionado com a satisfação pessoal em detrimento ao gosto dos outros. Parece banal uma discussão sobre satisfação musical, mas, trabalhar com esta perspectiva é indiretamente problematizar questões

³ Para compreender melhor as fases do Projeto “A Arte à Vista”, visite o site disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/802181/a-cidade-como-sala-de-aula-helena-napoleon-degreas-adriana-vallimendonca-cidomar-biancardi-filho-e-lilian-regina-machado-de-oliveira>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

que envolvam diversidade e respeito ao coletivo. É fazer com que nós e nossos alunos compreendam que o respeito a diversidade começa em pequenos detalhes: desde a escolha de uma música para se “consumir” ao fato de que outras pessoas também buscam suas satisfações pessoais na fruição de outras realidades musicais. Como então lidar com os “guetos” musicais que nos distinguem em sala? (os pagodeiros, os forrozeiros, os gospels etc.) à uma política educacional democratizante que atenda a satisfação individual e o bem coletivo? Entendemos que nosso papel esteja em estabelecer pontes e significados para nós mesmos, para os outros e a relação recíproca/pacífica dessas diversas demandas. Envolver-se com o que seja a música de hoje é problematizar perspectivas para o amanhã.

Referências

- BENEDETTI, Kátia Simone. **O processo de socialização musical primária: Aprendizagens, conhecimentos musicais do cotidiano e a educação musical formal – uma abordagem sócio-histórica**. 2009. 268 f. Dissertação (Dissertação em artes), Universidade Estadual Paulista Julho De Mesquita Filho, São Paulo, 2009.
- BENEDETTI, Kátia Simone; KERR, Dorotea Machado. A educação musical sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica. **Musica Hodie**, v.10, nº2, p. 71-90, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio De Janeiro. Zahar Ed., 2003.
- _____, **A sociedade líquida**. Rio De Janeiro. Zahar Ed., 2003.
- COSTA, Jean Henrique. Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte. 2012. 308f. 2012. **Tese de Doutorado**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- CREMADES, R. **Conocimiento y preferencia sobre los estilos musicales en los estudiantes de educación secundaria obligatoria en la ciudad autónoma de Melilla**. Universidad de Granada, España, 2008.
- DE QUADROS JÚNIOR, J. F. S; QUILES, O. L. Preferências musicais em estudantes de ensino médio no Brasil: o caso de Vitória, Espírito Santo. **Revista Música Hodie**, v. 10, n. 1, p. 109-128. 2010.
- Lemos, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, Sulina Ed., 5ª, 2015.
- MONTEIRO, Gilson. Mídias digitais e as tecnologias de sobrevivência. **Revista de Comunicação da FAPCOM**, Paulus, V. 1, 110-120, nº: 1. 2017.
- NORTH, A.; HARGREAVES, D. Experimental aesthetics and everyday music listening. In: HARGREAVES, D.; NORTH, A. (Eds.): **The Social Psychology of Music**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 84-103.
- QUEIROZ, Luis Ricardo. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. **Intermeio (UFMS)**, v. 19, p. 95-124, 2013.
- _____, Criação, Circulação e Transmissão Musica I: Inter-relações e (Re) Definições a Partir dos Cenários Tecnológico e Midiático Contemporâneos. **Revista Música Hodie**, v. 11, n. 1, p. 135-150. 2011.

RUSSELL, P. Musical tastes and society. In: HARGREAVES, D.; NORTH, A. (Eds.): **The Social Psychology of Music**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 141-158.

SUBTIL, M. J. D. Mídias, músicas e escola: a articulação necessária. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 16, p. 75-82, mar.2007.